

# AUTORES CONVIDADOS PELA AICL

## 1. ALMIRANTE ANTÓNIO CARLOS REBELO DUARTE



— Vice-almirante REF. Nasceu em 1946, alistando-se na Marinha (Escola Naval), em SET63.

Guarda-Marinha em JAN67.

Especializado em "Comunicações" (1968) e habilitado com outros cursos: "*International Defense Management Course*", da Naval Post-graduate School", Monterey, Califórnia, USA (1985), Cursos Navais de Guerra – Geral (1980) e Superior (1997/98) do ex-Instituto Superior Naval de Guerra (ISNG) e licenciatura em Economia pelo ISEG/UTL (1974).

Embarcou em várias unidades navais, incluindo a fragata "Álvares Cabral" em comissão em Angola e Moçambique (1969/71).

Exerceu o Comando da LFG "Argos" (Guiné/1974) e das corvetas "Honório Barreto" (1975) e "Jacinto Cândido" (1987).

Em terra, (1976/82) foi Professor de Economia na Escola Naval (EN) e de Estratégia e Coordenador da Respetiva Área de Ensino no ex-ISNG (1998-2000); Conselheiro Militar na Delegação de Portugal junto da OTAN (Delnato), Bruxelas (1989/92). Chefiou as Divisões de "Comunicações" e de "Pessoal e Organização" do Estado-Maior da Armada (1993-97).

Como Contra-almirante, comandou a EN (2000-02) e em Vice-almirante, dirigiu o ex-ISNG até à sua extinção em 2005. Presidiu à Comissão do Domínio Público Marítimo (2007-11).

Conferencista e Professor convidado, da UCP, respetivamente, desde 2004 e 2008.

Membro Correspondente e Académico de Número Português da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, respetivamente desde 2008 e 2014, e Membro Correspondente e Membro Efetivo da Academia de Marinha, desde 2009 e 2012.

Preside, desde 2009, à direção do Instituto D. João de Castro, fundado pelo Prof. Adriano Moreira e Padre Joaquim Aguiar.

Deixou definitivamente a efetividade de serviço, para transitar para a situação de Reforma, por limite de idade, em 03AGO2011.

APRESENTA TRABALHO – tema 2.1 "A CPLP, uma comunidade à procura de um caminho", António C. Rebelo Duarte, V/Alm. REF

Sinopse

A Lusofonia constitui uma dimensão estratégica fundamental, justificando-se, pois, que seja encarada com relevância e lucidez, num futuro português onde cabem o MAR e a CPLP, a par de uma avaliação atualizada sobre as articulações e coerência da relação triangular Portugal–Angola–Brasil, que se pretende inclusiva dos demais membros da Comunidade. Subjacente à criação da CPLP, em 1996, esteve a vontade portuguesa de se reencontrar com os povos das antigas colónias, segundo um reinventado modelo de cooperação, mas a sua consolidação é, ainda, uma tarefa algo imperfeita e inacabada, à procura de um interface entre interesses nacionais, regionais e comunitários. Estas e outras preocupações relacionadas com os comportamentos e atitudes dos Estados membros, alimentam aquilo a que se poderá apelidar de um "futuro de interrogações", reforçando a necessidade de se apurarem respostas concertadas.

Só assumindo a diversidade poderemos continuar a dar algum sentido à existência e construção de uma verdadeira comunidade da Lusofonia, como uma plataforma de partilha, fraternidade e desenvolvimento, a par de linhas de ação muito concretas para responder aos múltiplos desafios que a aguardam, nomeadamente no âmbito da ciência e investigação, das tecnologias e da saúde, a par da obtenção de um estatuto internacional de produtor de segurança reconhecido pela ONU e outras organizações internacionais de âmbito regional.

Para vingar neste mundo globalizado, convirá à CPLP dotar-se de uma estratégia com visão política abrangente, de instrumentos institucionais inovadores e meios orçamentais à altura, tudo o que lhe tem faltado até agora. Só assim conseguirá facilitar e potenciar as realizações de uma (imprescindível) obra em comum feita, ao nível do reforço da língua, do ensino, da investigação e da cultura, vetores prioritários para assegurar a eternidade que o económico não garante. Para tanto, Portugal não pode deixar a estratégia no baú da história ou ao cuidado de outros.

## PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

### 2. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA ACORIANA CONVIDADA, AICL



Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas.

Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.

Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena antologia de poetas açorianos. Ao longo dos anos tenho

publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores. Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido. Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.





MOINHOS 2014

### TEMA 3.1.3. O TRAÇO INSULAR EM CECÍLIA MEIRELES –

Nascida no Brasil, numa geografia que se foi fazendo do litoral para o interior e onde o traço continental moldou História e imaginário, Cecília Meireles deixou-nos, surpreendentemente (ou talvez não), uma obra poética fortemente marcada pelo mar e por uma mundividência em muitos aspetos insular.

Conhecidas as suas raízes açorianas, facilmente se encontrou nelas eco de uma *açorianidade* que, pese embora nos faça honra, não é de todo consensual, ou tão pouco legitimada pela consanguinidade que mantemos com a escritora carioca.

Apesar disto, a presença de uma relação íntima com o mar, o uso de uma imagística e de uma semântica fortemente marcadas pelo elemento marinho, onde a nostalgia e a solidão pontuam, ou ainda o recurso a uma linguagem que remete amiúde para a ilha e para a insularidade, são questões incontornáveis na poesia ceciliana, pelo que há que reconhecer, de facto, a existência de aspetos da sua vida e da sua obra que legitimam uma incursão pelo que de inegavelmente insular e açórico existe no seu universo poético.

Não sendo essa insularidade de natureza geográfica ou histórica, posto que Cecília nunca viveu nos Açores e apenas por uma vez visitou a ilha da mãe e dos avós (S. Miguel, a que por diversas vezes alude como a sua *Ilha do Nanja* – e.g. “Pastoral V”), ela decorre de um conjunto de circunstâncias que incluem, desde logo e em primeiro lugar, a infância da escritora e a construção do seu imaginário; em segundo, a procura e manutenção de laços com a literatura e com escritores deste lado do Atlântico, entre os quais os açorianos Armando Côrtes-Rodrigues e Vitorino Nemésio; e em terceiro, o “isolamento interior” que tanto procurou e com que foi dando forma e voz ao seu lirismo e construindo o sentido profundamente simbólico da sua insularidade.

É SÓCIO DA AICL

ESTEVE PRESENTE NO 21º COLÓQUIO, MOINHOS 2014

---

---

### 3. SUSANA TELES MARGARIDO, ESCRITORA AÇORIANA CONVIDADA, AÇORES.



### AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE

Susana Teles Margarido é licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores, pós-graduada em Proteção de Menores pela Faculdade de Direito de Coimbra e pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas pela Universidade dos Açores. É técnica superior, na área de sociologia, na Direção Regional da Segurança Social em Ponta Delgada. Começou a escrever em 2005 e conta com vários livros infantis e um ensaio. Dedicou-se também à confeção de presépios, em particular as Lapinhas, artesanato característico da ilha de São Miguel. Socióloga, que trabalha na Direção Regional da Segurança Social

É autora das seguintes obras

2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1ª Ed Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,  
 2005, Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta Delgada, Ed DRIO - Direção Regional da Igualdade de Oportunidades  
 2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, Ed Instituto Ação Social  
 2007, Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa, Edição Nova Gráfica  
 2008, Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores, Ilustrações André Laranjinha, Artes E Letras  
 2008, O menino perdido, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2ª Ed Junta de Freguesia de Rabo de Peixe  
 2009, Minha querida avó, ilustrações de Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto  
 2009, De outra cor, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO  
 2009, Um natal encantado, Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto  
 2009, Sou diferente, sou fantástico, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, DRIO  
 2009, Diário do meu segredo, ilustrações de Abigail Ascenso, Ed SRTSS, DRIO  
 2010, O anjo do lago, Ilustrações Fedra Santos, Maia, Ed Livro Direto  
 2011, Minha querida avó., Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto



[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]



[NO 22º COLÓQUIO DA LUSOFONIA SEIA 2014.]



NUMA SESSÃO DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES PARA OS PROFESSORES DE PORTUGUÊS NA AMÉRICA



[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]



[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]



SEIA 2014





[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]

Apresenta dois trabalhos

### 3.1.2. A LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO

### 3.1.2. ALGUNS CONTOS DE SOPHIA

A importância da literatura infantojuvenil Susana Margarido  
«Utilizando uma linguagem sintética e emotiva, cujos recursos são essencialmente lúdico-simbólicos, a literatura infantil concede aos seus leitores a possibilidade de se apropriarem da língua; assim se proporciona à criança, desde cedo, a oportunidade de chegar à palavra pelo prazer, condição essencial para que esse acesso e aprendizagem possam ser reais e

proveitosos. Os textos para a infância oferecem ainda estratégias para que as crianças, em circunstâncias subsequentes, se tornem aptas para conviverem com utilizações da linguagem pouco frequentes, que, mais tarde, se tornam comuns e indispensáveis. Para além disto, a literatura infantil possibilita que, sem ser obrigada ou ser constrangida, a criança tenha acesso à língua, não como objeto de estudo, mas sobretudo como atividade dinâmica, suscetível de ser manipulada nas suas diferentes funcionalidades.

Os textos literários propiciam aos seus destinatários uma aprendizagem sobre os próprios textos e o sistema de comunicação em que eles acontecem. Ao lerem e interagirem com as obras literárias, os leitores aprendem a conhecer e a dominar os códigos literários. Vários autores designaram esta capacidade de *competência literária*».

\*\*\*\*\*

### SINOPSE SOBRE «ALGUNS CONTOS DE SOPHIA»:

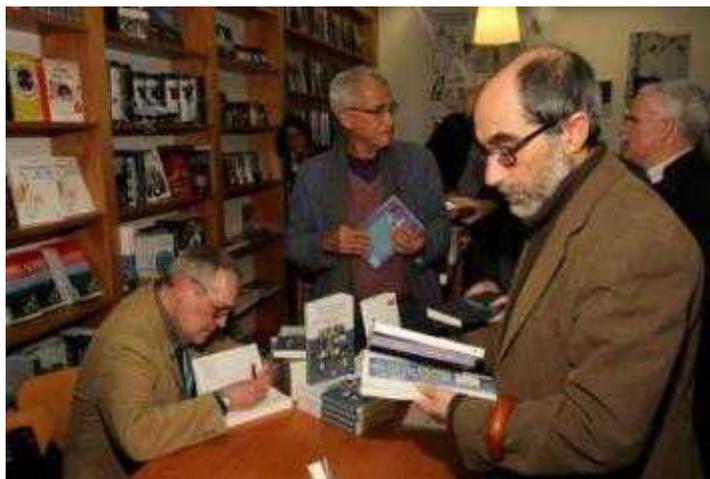
«Sophia, nos contos infantis, criou personagens que simbolizam o cinismo e o oportunismo, a avareza e a cobardia e o autoritarismo e o servilismo, como forma de mostrar aos mais novos a podridão, a mesquinhez e o despotismo da sociedade, em particular das classes dominantes»



SEIA 2014

TOMA PARTE NAS SESSÕES DE POESIA, PARTICIPA PELA 3ª VEZ DEPOIS DO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS 2014 E 22º EM SEIA 2014

4. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO CONVIDADO,  
AÇORES



PDL 2013

LAGOA 2012



LAGOA 2012

**URBANO MANUEL BETTENCOURT MACHADO**, NASCEU NA Piedade, ilha do Pico, 1949). Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, a cujo quadro de professores pertence e onde presentemente exerce a docência.

No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.

Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, *Português, Contrabandista*.

Poesia e narrativa:

**Raiz de Mágoa** (1972);

*Ilhas* (de parceria com Santos Barros, 1976);

Marinheiro com residência fixa (1980);

Naufrações *Inscrições* (1987);

Algumas das Cidades (1995);

Lugares sombras e afetos (2005);

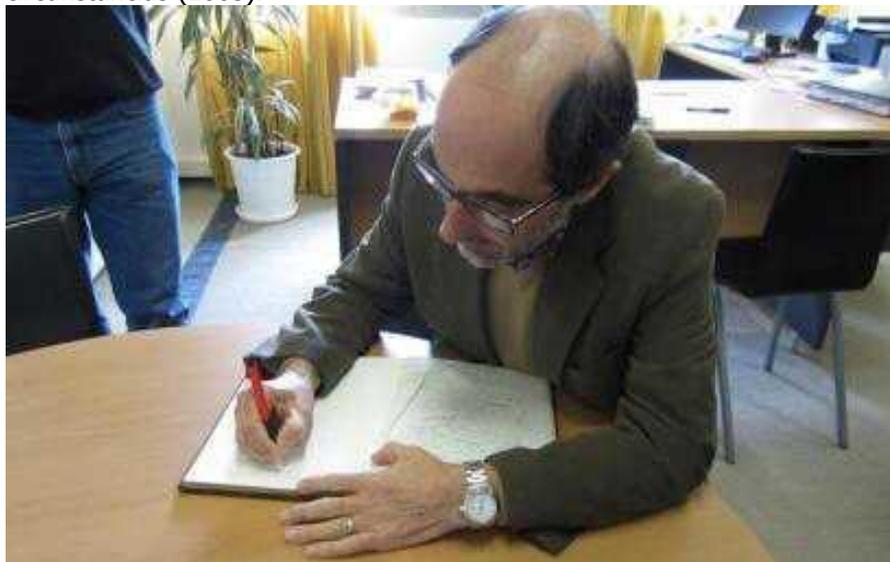
Santo *Amaro Sobre o Mar* (2005; 2.<sup>a</sup> ed, 2009);

*Antero* (2006);

Que paisagem apagará (2010);

África frente e verso (2012);

Outros nomes outras guerras (2013);  
O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (2013).  
Ensaio:  
O *Gosto das Palavras*, 3 vols. (1983, 1995, 1999);  
Emigração e Literatura (1989);  
De Cabo Verde aos Açores – à luz da «Claridade (1998); Ilhas conforme as circunstâncias (2003).



LAGOA 2012

Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:  
*Caminhos do Mar*. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.  
*Pontos Luminosos*. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.  
*Azoru Salu. Dzejas antologija* (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.

#### APRESENTA DOIS TRABALHOS:



LAGOA 2012

#### TEMA 3.1.1. JOSÉ MARTINS GARCIA – A LINGUÍSTICA VAI À GUERRA, URBANO BETTENCOURT

No interior da narrativa de Martins Garcia, a instituição militar e a guerra em África ocupam um espaço considerável e constituem um domínio temático de relevo, objeto de tratamentos narrativos diferenciados, embora submetidos a uma perspetiva comum de crítica dos seus mecanismos.

O tema aparece logo em *Katafaraum é uma nação*, cuja primeira edição é de fevereiro de 1972. Mais alusivo ou mais explícito, o tom irónico e crítico que atravessa a obra manifesta-se já no título, resultante de um processo de amálgama da frase «cada um fareja um», uma espécie de divisa do país salazarista.

No último dos três «ciclos» da segunda parte (o da «Linguagem»), duas narrativas intituladas «Competência» e «Performance» recontextualizam de forma irónica dois termos da teoria linguística de Chomsky e recobrem duas fases da experiência militar em espaços e tempos diferentes: a da formação e

aquisição de *competência* e a da aplicação prática dos saberes, a da *performance*»; as duas narrativas articulam-se mediante a personagem Ramalho, que «migra» de uma para a outra, soldado-cadete na situação inicial, em Mafra, e já alferes miliciano na segunda, em território da Guiné. No universo militar da instrução, o grau máximo de competência é diretamente proporcional à desumanização e à anulação do indivíduo, que atingem dimensões grotescas no campo prático, onde a *performance* acaba por demonstrar a inutilidade da *competência* supostamente adquirida.

Desdobrando ironicamente os sentidos múltiplos dos dois conceitos linguísticos, o autor procede a uma reconfiguração satírica da instituição militar e da guerra em África, denunciando o seu absurdo e as suas misérias quotidianas, ao mesmo tempo que questiona o discurso linguístico, *transplantando-o* para um contexto em que se desvaloriza e banaliza.



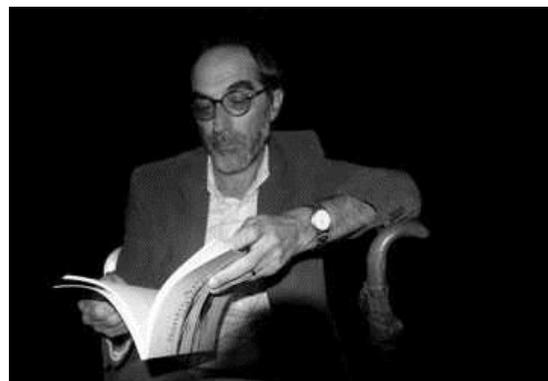
[PDL 2014](#)

### [TEMA 3.1. SER ESCRITOR NOS AÇORES, URBANO BETTENCOURT](#)

O tema e o seu desenvolvimento podiam resumir-se a uma frase: «ser escritor nos Açores é escrever em arquipélago.» Afirmação quase tautológica. E no entanto, determinismo geográfico à parte, escreve-se (escrevo) nos Açores sob o signo de uma condição atlântica de dispersão e distância (Vitorino Nemésio talvez preferisse dizer de longitude e apartamento): dispersão histórica e social, consciência do limite, experiência de lonjura.

Escreve-se na sequência da leitura? Então, há uma narrativa particular a recuperar, a da descoberta do mundo a partir da palavra impressa. O olhar que vê ilhas de cinza e água é o mesmo que lê os textos que falam do mundo e das suas inúmeras ilhas. Tudo, afinal, se resume a ilhas. *No man is an island*, escreveu John Donne. Mas cada homem pode partir de uma ilha qualquer (física, interior) para inventar a sua experiência e mesmo aquela que outros nunca tiveram.

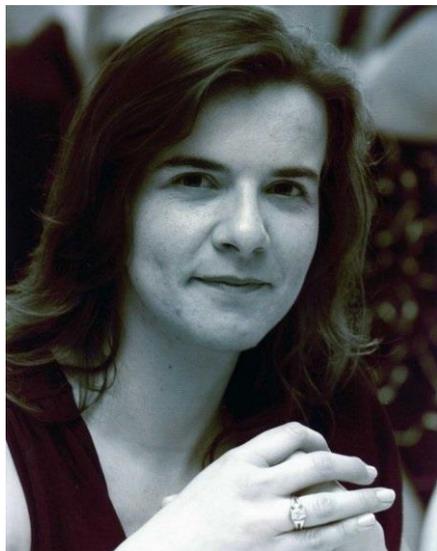
*Nasce-se em setúbal // nasce-se em pequim // eu sou dos açores // (relativamente // naquilo que tenho // de basalto e flores)* – assim começa um poema de Natália Correia. Também eu, embora ainda menos relativamente do que a escritora, pois dispenso as flores: fico-me pela pedra, que pode comover-se por dentro, mas não por fora. Apesar da influência americana na vida e no imaginário açorianos, escrevo em português. E, para começar, gostava de ser lido em todas as ilhas dos Açores. Será pedir demasiado?



## AUTORES CONVIDADOS PELA UBI

---

### 1. ANA RITA CARRILHO, DIRETORA DO CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA - DEPARTAMENTO DE LETRAS, UBI,



Ana Rita Carrilho licenciou-se em Língua e Cultura Portuguesas (via ensino), pela Universidade da Beira Interior (2001), frequentou o mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, área de especialização em Metodologia do Ensino do Português (LE/L2), na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2006) e obteve o grau de Doutora em Letras, pela Universidade da Beira Interior (2015).

Nesta mesma universidade, é docente do Departamento de Letras, onde é diretora do Curso de Português Língua Estrangeira.

Tem experiência de lecionação de Português como Língua Segunda, desde 2002, e de Português como Língua Estrangeira, tendo lecionado cursos intensivos na Universidade Técnica de Białystok (Polónia).

A investigação que desenvolve centra-se na área da Linguística Aplicada ao ensino do Português como Língua não Materna.

### TEMA 2.5. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EUROPA: PORTUGAL E POLÓNIA."

#### Resumo

No contexto de ensino de língua com centragem no aprendente, voltado para as necessidades deste último, a presente comunicação pretende contribuir para um melhor entendimento sobre o processo de aprendizagem estratégica da língua portuguesa em dois contextos distintos: como língua estrangeira (LE) e como língua segunda (L2).

Parte-se do constructo de *estratégia de aprendizagem* e reflete-se sobre o seu ensino explícito, visando otimizar a aprendizagem da língua na expectativa de contribuir para que os aprendentes se tornem mais autónomos, responsáveis e bem-sucedidos. Propõe-se que estratégias de ensino e de aprendizagem sejam conjugadas no espaço da sala de aula, proporcionando condições para que os aprendentes desenvolvam, por si próprios, um comportamento estratégico e que reconheçam nelas o seu poder enquanto mecanismos de autorregulação, capazes de facilitar a compreensão, o armazenamento e a recuperação de toda a informação alvo de aprendizagem.

Na presente comunicação traz-se à colação um estudo realizado nos contextos de aprendizagem de Português Língua Estrangeira (LE) e Língua Segunda (L2), ambos ao nível de iniciação, no qual se pretendia verificar se o ensino explícito de estratégias era bem recebido pelos aprendentes e em que medida esta ação contribuiu para o desenvolvimento de uma aprendizagem estratégica da língua.

#### PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

---

## 2. JOÃO MARINHO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE DE COIMBRA



**João Marinho dos Santos** é Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Foi Coordenador Científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura, Diretor do Instituto de História da Expansão Ultramarina, Delegado da Secretaria de Estado da Cultura para a Região Centro e Auditor do Instituto de Defesa Nacional.

É Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História, Membro Efetivo (Classe de História Marítima) da Academia de Marinha e Fundador da Associação de História Económica e Social.

Em 2008, foi galardoado com o Prémio Calouste Gulbenkian – “História da Presença de Portugal no Mundo”, atribuído à obra *Santa Cruz do Cabo de Gue d’Agoa de Narba. Estudo e Crónica*.

Com investigação, predominantemente, nas áreas da História dos Descobrimentos e da Expansão, da História Regional e da Cultura Portuguesa, publicou, entre outros estudos: *Os Açores nos Séculos XV e XVI* (2 vols.); *O Concelho de Almeida – Esboço Histórico-Sociológico*; *Estudos sobre os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa* (2 vols.); *Goa. Portugal e o Oriente:*

*História e Memória* (coord. com José Manuel Azevedo e Silva); *A Guerra e as Guerras na Expansão Portuguesa*; *A Historiografia dos Descobrimentos* (em col.); *Malaca. Portugal e o Oriente: História e Memória* (coord. com José Manuel Azevedo e Silva); *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas – Almeida*; *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas – Castelo Branco*; *Pobreza e Cultura no Concelho de Almeida* (2 vols.); *Os Portugueses em Viagem pelo Mundo. Representações Quinhentistas de Cidades e Vilas*; *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e de seus Filhos na Índia* (em col.); *Vasco da Gama – A Honra, o Proveito, a Fama e a Glória* (em col.); *Santa Cruz do Cabo de Gue d’Agoa de Narba – Estudo e Crónica*, edição bilingue Português/Árabe (em col.); *Sarzedas – Vila Conda*; *Sarzedas nos Forais de 1212 e 1512*.

APRESENTA TRABALHO: Tema 2 - 2.9. CRISES DO IMPÉRIO PORTUGUÊS NA ÉPOCA MODERNA, João Marinho dos Santos, Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra e Investigador do Centro de História da Sociedade e da Cultura. [uc3928@fl.uc.pt](mailto:uc3928@fl.uc.pt)

Considerando as diversas potencialidades e a enorme riqueza posta efetivamente à disposição dos portugueses ao longo da sua história (mesmo a mais recente) e considerando os resultados obtidos em termos de crescimento económico e desenvolvimento sociocultural, quase apetece afirmar que Portugal viveu sempre em crise. Claro está que esta apreciação, estrutural e de longuíssima duração (iremos circunscrevê-la, porém, à época moderna) é generalista e pode resvalar para a caricaturização, mas tal é admissível e compreensível se quisermos representar a realidade a traços grossos. Ela própria, a apreciação, se contradiz, porque Portugal tem conseguido, pelo menos, sobreviver.

Ressalta, ainda, desta rememoração e reconstituição do passado que muitos dos nossos problemas coletivos têm sido ancestrais e pouco mutáveis. Não faltaram, porém, alvitres ou sugestões de influentes e notáveis (alguns deles vindo Portugal do exterior) para os procurar resolver de modo a debelar crises, por vezes de carácter duradouro e profundo.

[PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ](#)

---

### 3. JOSÉ BARBOSA MACHADO, UTAD, VILA REAL



**JOSÉ BARBOSA MACHADO** nasceu em 1965 em Braga. Licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga em 1992; fez mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas na Universidade do Minho em 1997; fez o doutoramento em Linguística Portuguesa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2002; apresentou provas de agregação em 2009, também na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Atualmente é Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Letras, Artes e Comunicação da mesma universidade. Publicou, entre outras, as seguintes obras: *Tratado de Confissom – Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Informático Linguístico* (2003); *Introdução à História da Língua e Cultura Portuguesas* (2009); *Estudos de Língua Portuguesa* (2012).  
[jleon@utad.pt](mailto:jleon@utad.pt)>

APRESENTA TRABALHO, TEMA 2.2 Dicionário dos Primeiros Livros Impressos em Língua Portuguesa (1488-1499), José Barbosa Machado, Universidade da de Trás-os-Montes e Alto Douro, DLAC, [jleon@utad.pt](mailto:jleon@utad.pt)

#### RESUMO

A imprensa, que entrou em Portugal no reinado de D. João II, teve um papel fundamental na divulgação de textos e no desenvolvimento e maturidade da Língua Portuguesa escrita.

A Língua Portuguesa deste período apresenta alguma estabilidade linguística, sobretudo no âmbito morfológico e sintático, face à instabilidade dos séculos anteriores. A instabilidade gráfica mantém-se, como facilmente se depreende pela profusão de formas de uma mesma palavra em obras da época. A estabilidade morfológica e sintática permitirá que no século seguinte sejam redigidas obras como *Os Lusíadas* de Camões, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* de Góis e *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

*O Dicionário dos Primeiros Livros Impressos em Língua Portuguesa* é um projeto em elaboração e tem como *corpus* as seguintes obras impressas entre 1488 e 1499 em língua portuguesa: *Sumário das Graças* (1488); *Sacramental* (1488); *Tratado de Confissom* (1489); *Vita Christi* (1495); *História do Mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma* (1496); *Constituições de D. Diogo de Sousa* (1497); *Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance* (1497); *Regimento Proveitoso Contra a Pestenença* (c. 1495-1499).

#### PARTICIPOU EM 2007 NO 8º COLÓQUIO EM BRAGANÇA



#### 4. JOSÉ ROSA, UBI



**JOSÉ MARIA SILVA ROSA:** licenciado em Filosofia (1993); mestrado (1997) e doutoramento (2005) em Filos. Medieval na Univ. Católica Portuguesa (Lisboa).

Frequentou Teologia na Católica, e Direito na UL. De 1993 a 2002, foi docente na Católica: Filosofia, Teologia, de Ciências Religiosas, de Ciências da Comunicação e de Serviço Social.

Atualmente é Professor Auxiliar na UBI.

Os seus principais interesses académicos situam-se no domínio do Pensamento Antigo, Bíblico, Patrístico e Medieval — Santo Agostinho -, da Fenomenologia francesa, História e Filosofia da Religião e Teologia Política.

#### TEMA 2.4. LÍNGUA PORTUGUESA, SER EM DIÁSPORA UM MODO DE ESTAR PORTUGUÊS.: JOSÉ MARIA SILVA ROSA, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Afirma o Pe. António Vieira, nos *Escritos sobre os Judeus* (cf. Yosef Ayim Yerushalmi, «Les dernières Marranes: le temps, la peur, la mémoire», in *Marranes*, Paris, Éditions de la Différence, 1992, pp. 17-44, um dos maiores conhecedores do marranismo peninsular e da 'dispersão' judaica) que, mercê da Diáspora dos judeus e das Descobertas, intimamente ligadas, a língua

portuguesa se tornara, no séc. XVII, a «língua franca» dos negócios em todas as praças do mundo. E conclui: «os portugueses e os judeus já são sinónimos». Para os defensores coevos *'del sangre limpio'* esta constatação era intolerável, recrudescendo a perseguição também contra o diaspórico Jesuíta. Mas Vieira sabia, de um saber de experiência feito, aquilo de que falava.

É com toda a razão que Pessoa o exalta como «Imperador da Língua Portuguesa». Na senda de outros «crisóstomos», v.g., Santo Agostinho, o Pe. António Vieira dedicou toda a sua vida à palavra dita e escrita. Nele, a língua portuguesa é como uma seara acariciada pelo vento. Vieira sabia muito bem, e nós hoje por outras razões também o sabemos, que um Império é uma Língua. E sem a «língua gera» de 1757 é certo que o «Brasil» nunca teria existido. Defendemos, pois, que tanto na cartografia como na língua, 'ser' português é 'estar' em Diáspora. Em grego, «*diasporá*» significa «dispersão», também no sentido da prodigalidade do semeador que lança sementes à terra e ao vento para colher com abundância («speirô», «diaspeirô», «spôros», semear, disseminar, campo semeado), como aqueloutro judeu dissera: «se o grão de trigo não morrer não poderá dar fruto». Sejam, pois, também os nossos *logoi spermatikoi* sementes nómadas que germinarão a seu tempo, já que de pasto em pasto vamos todos a caminho de uma terra que nunca vimos.

#### PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ



## 5. MANUEL CÉLIO DA CONCEIÇÃO, UNIVERSIDADE DO ALGARVE



MANUEL CÉLIO CONCEIÇÃO,

Doutor em Linguística. Professor Associado da Universidade do Algarve. Investigador do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

Chevalier de l'ordre des Arts et des Lettres.

Em 2014/15, leciona na licenciatura as disciplinas de -

- Terminologia, Políticas de Língua e de Comunicação, Língua e Linguística Francesa e no doutoramento a disciplina de Teorias das Ciências da Linguagem

Domínios de investigação: ciências da linguagem, lexicologia e terminologia, multilinguismo e interculturalidade, ensino/aprendizagem de línguas. Exemplo de projetos: terminologia da indústria farmacêutica e da farmacologia clínica; avaliação da qualidade no Ensino de Línguas ([www.lanqua.eu](http://www.lanqua.eu)); Competências para a empregabilidade na área das humanidades (projetos Tuning e TNP Languages; Motivação para o ensino/ aprendizagem das Línguas ([www.molan.eu](http://www.molan.eu) ); competência multilingue ([www.magicc.eu](http://www.magicc.eu) ); migração e multilinguismo ([www.mime-project.org](http://www.mime-project.org))

Vice-presidente do European Council for Languages/Conseil Européen pour les Langues ([www.elccel.org](http://www.elccel.org)).

Vice-presidente da Rede Lexicologie, Terminologie et Traduction ([www.ltt.auf.org](http://www.ltt.auf.org) )

Membro da Comissão científica da rede panlatina de Terminologia.

APRESENTA TRABALHO, TEMA 2.2.- Língua portuguesa e ciência: que COMPROMISSOS? Manuel Célio Conceição - FCHS – Universidade do Algarve E CLUNL – Universidade Nova de Lisboa

No atual contexto da economia linguística, circula o pressuposto erróneo, e as respetivas práticas consequentes, de que as línguas têm estatutos diferenciados em função, entre outros, da sua presença na sociedade e, em particular, da relação com a ciência. Refutamos esta diferenciação, criadora de hierarquias discricionárias que alimentam jogos de poder com implicação nas relações socioculturais e políticas entre as comunidades e entre os falantes.

Salientada a quebra do princípio da territorialidade da língua portuguesa em favor da virtualização dos seus usos e dadas as concepções atuais de língua e as suas relações com a ciência, no sentido etimológico, abordamos o imperioso compromisso entre a instrumentalização do português e a necessária capitalização dos saberes que veicula. A comunicação proposta, numa ótica inspirada das teorias da complexidade, pretende contribuir para afirmar a "viragem linguística" do trabalho, do saber e das comunidades. Enfatiza, por isso, o valor da língua portuguesa não só na internacionalização e na ciência mas também no desenvolvimento social e cultural de grande parte dos que a falam e para os quais é um traço identitário inequívoco.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

---